

## ARTE ITÁLICA EM MOEDAS CAMPANAS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL: ALLIFAE E PHISTELIA

Maricé Martins Magalhães \*<sup>1</sup>

### **Abstract**

*This work presents an outline of the catalogue called "Italic, Italiote and Siciliote Coins of the National Historical Museum of Rio de Janeiro" which is being prepared by the author. Such an outline refers to two cities of Campania (Italia) that are genuinely italic or samit, Allifae and Phistelia, which have minted coins around the 4<sup>th</sup> Century B.C.; although the iconography of some types presents a certain inspiration on the Italiot coinage of the neighbouring Greek colonies of Southern Italy, it also shows particular and very original characteristics, reflecting the physiognomy of a clearly Italic art, which has preserved an indigenous profile, not yet completely touched by outside influence, and a taste far from the classical models.*

**Keywords:** numismatic; campanian coins; italic art.

### **Resumo**

*Este trabalho apresenta um recorte do catálogo chamado "Moedas Itálicas, Italiotas e Siciliotas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro", que está sendo elaborado pela autora. Tal recorte refere-se a duas cidades da região Campânia (Itália) genuinamente itálicas ou sammitas, Allifae e Phistelia, que cunharam moedas em torno do IV século a.C. Apesar de a iconografia de alguns tipos apresentar uma certa inspiração na amoeção italiota de vizinhas colônias gregas da Itália Meridional, também mostra características próprias e muito originais, refletindo a fisionomia de uma arte claramente itálica, que preservou um perfil indígena ainda não completamente tocado pela influência externa e um gosto distante dos modelos clássicos.*

**Palavras-chave:** numismática; moedas campanas; arte itálica.

---

<sup>1</sup>Pesquisadora da FAPERJ junto ao Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. (marici.magalhaes@uol.com.br)

Desde 2006 foi iniciado um trabalho de catalogação das moedas do Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (doravante MHN)<sup>2</sup> por parte da sua equipe. Esta é a mais imponente coleção numismática da América Latina. Graças ao decisivo apoio da FAPERJ, foi possível a quem escreve empreender um trabalho de catalogação especificamente das moedas ditas “gregas”<sup>3</sup> desta coleção, que culminou no volume intitulado *Moedas Itálicas, Italiotas e Siciliotas do MHN*, com mais de 500 exemplares, em fase de elaboração. Neste trabalho, dividido por regiões italianas, existe uma seção relativa às moedas da Campânia (Itália Meridional), que era habitada, no IV século a.C., por um lado, por colônias de origem grega que se estabeleceram no litoral (e.g., *Cumae*, *Dikearchia*, *Neapolis*), e, por outro, por populações ditas simplesmente campanas ou samnitas e que falavam a língua osca. Algumas cidades gregas, como *Cumae* e *Neapolis*,<sup>4</sup> não perderam as características próprias no estilo de cunhagem e, mesmo depois da hegemonia samnita a partir de 421 a.C., permaneceram sempre fiéis ao padrão grego. Por outro lado, algumas cidades do interior da Campânia, não obstante tenham praticado intercâmbios com as cidades gregas da costa, que se refletem em parte na sua iconografia monetária, conservaram certas características próprias, em alguns casos não completamente tocadas pelos modelos da arte clássica, e um gosto genuinamente indígena. E justamente sobre as moedas destas cidades, *Allifae* e *Phitelia*, iremos falar, visto que se encontram em número de 12 na coleção do Medalheiro do MHN. Apresento aqui, em fotografia, somente os exemplares em melhor estado de conservação de cada tipo examinado, pois a intenção deste artigo não é apresentar um catálogo, e sim ressaltar as características da arte itálica e italiota em três tipos monetários específicos (e sobre os quais a bibliografia é muito escassa); sendo assim, seria inútil repetir fichas de moedas idênticas.

Além da prata napolitana<sup>5</sup>, os mais antigos exemplares de moedas da *Campania* existentes no MHN são os óbolos de prata (frações de pequeno porte, sobre as quais voltarei a falar), que começaram a ser difundidos na segunda metade do IV séc. a.C., e são particularmente abundantes nas emissões de *Allifae* (Fig. 1, a-b) e de *Fistelia* (Fig. 4, a-b e Fig. 5, a-b). Estes centros são colocados, dentro da atual classificação, no âmbito das comunidades campano-samníticas, as quais certamente não se organizavam propriamente em centros urbanos, mas provavelmente ainda em aglomerados habitacionais, e cuja coesão populacional se dava a partir de uma base étnica comum.

### *Allifae*

1 - AR / óbolo; mm. min. 9,4; max. 10,2; gr. 0,59

A/ Cabeça laureada de *Apollon* à dir., circundada por três delfins.

R/ [AAAIBANON] apagada; *Scylla* à dir., tendo duas cabeças de cães sobre os ombros e longa cauda de cavalo-marinho; em baixo, marisco.

Cerca de 325-275 a.C. (HNI); 320-300 a.C. (Cantilena, mais específica).

Cf. RUTTER 1979, p. 181.I; CANTILENA 1988, 144-145; HNI 2001, 460.

Inv. n. 1924.1160.1 (Fig. 1, a-b)

Considero aqui o centro habitado samnítico de *Allifae* na *Campania*, como estabelecido em HNI (2001, p. 62), não obstante possa aparecer referido em alguns outros casos, posteriores à dominação romana, como localizado no *Samnium* (e.g. na divisão do CIL X); corresponde à atual cidade de *Piedimonte d'Alife*, aos pés do monte *Matese*. Existem testemunhos de pequenos centros habitados, esparsos no seu território desde o VII séc. a.C., mas a fortificação de época samnítica era concentrada em torno à área do seu atual Castelo (CANTILENA, 1988, p. 137). Estranho é que, apesar de o centro habitado ser localizado muito no interior da *Campânia*, os tipos monetários mostram uma estreita conexão com o mar e com *Cumae* (RUTTER, 1979, p. 85), visto que o tipo de R/ da nossa moeda apresenta a figuração de *Scylla*,<sup>6</sup> monstro marinho feminino que aparece também na amoedação cumana, juntamente com um marisco (Fig. 2); certo é que o mar podia ser atingido facilmente de *Allifae*, através da navegação ao longo do rio *Volturnus*, mas os símbolos poderiam ser considerados ainda um sinal comum, decorrente de escambos entre ambas as comunidades. Além disso, percebemos nas moedas alifanas uma clara influência da amoedação de *Syracusae* (HNI, 2001, 460), dada a presença, no A/ do nosso exemplar, dos três delfins que circundam *Apollon*, delfins que marcaram decisivamente a arte monetária siracusana (Fig. 3). Este fenômeno é facilmente explicável, já que a cidade siciliana foi sempre a principal aliada de *Cumae*, e conseqüentemente terá mantido contatos com *Allifae*; além disso, a presença de *Scylla* denota a hegemonia desses povos sobre o controle da rota marítima comercial que atravessava o estreito de *Messina*, justamente entre as temíveis *Scylla* e *Caribdes*, ou seja, entre Itália e Sicília.

Enfim, digna de nota é a representação do deus *Apollon* de cabelos curtos em estilo itálico (certo, não grego ‘arcaístico’ e nem ‘clássico’) que aparece no A/, divindade largamente cultuada nas gregas *Cumae* e *Neapolis*, como se sabe, mas que também foi adotada como objeto de culto itálico desde o VI século a.C. Por isso, tenderemos a considerar esta representação um símbolo de culto poliádico, comum a diversas comunidades, sejam itálicas, sejam italiotas.

### *Phistelia*

2 - AR / óbolo; mm. min. 10,2; max., 11,3; gr. 0,59

A/ Cabeça feminina de frente, com longa cabeleira dividida em cachos, ornada com colar (ou *Hercules* com *leonté?*).

R/ Leão (ou *Khimaira*) à esq.; no exergo perolado, uma serpente.

Cerca de 325-275 a.C. (HNI); 320-300 a.C. (Cantilena, mais pontual).

Cf. SAMBON 1903, 844-7; RUTTER 1979, p. 180.IV; CANTILENA 1988, 150-151; HNI 2001, 619.

Inédita. Inv. n. 1924.1159.1 (Fig. 4, a-b)

3 - AR / óbolo; mm. min. 10,9; max. 11,4; gr. 0,59

A/ Cabeça masculina juvenil imberbe, de frente, com cabelos e franja curta, dividida em gomos.

R/ FISTLVIS, semicircular e retrógrada, entre a ostra e a borda; delfim, grão de cevada e ostra.

Em torno a 325-275 a.C. (HNI); 320-300 a.C. (Cantilena).

Cf. SAMBON 1903, 831-8; SNG ANS, 567-80; RUTTER 1979, p. 180.Ia; CANTILENA 1988, 146-147; HNI 2001, 613.

Inédita. Inv. n. 1924.1159.9 (Fig. 5, a-b)

A cidade denominada *Phistelia* ou *Fistelia*,<sup>7</sup> ou a comunidade dos *Fistelií*, é conhecida somente por suas emissões monetárias, mas a localização exata do centro habitado ou dos núcleos habitados esparsos infelizmente é ainda desconhecida (RUTTER, 1979, p. 84; CANTILENA, 1988, p. 137; HNI, 2001, p. 72). Além disso, persiste a discussão entre os estudiosos para a explicação da legenda monetária: trata-se de um nome de

cidade ou, o que seria mais plausível em ambiente indígena, do étnico da população que bateu a moeda neste período. Uma hipótese quer colocar *Fistelia* no lugar da antiga cidade grega de *Dicearchia*, a qual, depois da ocupação samnita, teria assumido o nome osco de *Fistelius*, culminando no latim *Puteoli* (reportada em CANTILENA, 1988, p. 138); no entanto, esta teoria não convence de fato, também por problemas estatísticos, como se verá. Parece que este povo deveria ser melhor localizado na área de confinamento entre Campânia e *Samnium*, dado que os seus óbolos se tornam cada vez mais freqüentes e difusos, na medida em que mais se avança na direção do interior campano e do *Samnium* interno. De qualquer modo, também um dos tipos que aparece na amoedação de *Fistelia* se inspira, como já visto no caso de *Allifae*, no ambiente marinho e nas emissões siracusanas e cumanas com a figuração de delfim e de ostra no R/ da moeda n. 3 (Fig. 5, b), que encontram confrontos similares nestas cidades, como já visto antes. Elemento destoante nesta ligação com o 'ambiente marinho' é o grão de cevada, que poderia representar, neste caso, justamente um produto interno local, em contraste com o produto litorâneo, ou a produção agrícola ou mercantil que era objeto de intercâmbios comerciais entre costa e interior.

*Allifae* e *Fistelia* cunharam também didracmas de prata no final do V séc. a.C., mas o seu elemento particular e específico é, na verdade, a sua produção de óbolos (valor correspondente a 1/12 dos didracmas, cerca de gr. 0,60) e hemióbolos (obviamente a metade), *grosso modo* em torno do final do IV séc. a.C., os quais apresentam características comuns como o peso, a técnica, os tipos, as inscrições e a área de circulação (CANTILENA, 1988, p. 139). As inscrições de ambas as moedinhas são expressas em osco ou em grego: *Alliba*, *Allibanon*, *Alipha*, *Alif*, *Allifanon*, ou *Fistlus*, *Fistluis*, *Phistelia* e, no caso específico do nosso exemplar com a legenda osca, *FISTLVIS* (Fig. 5, b), o que poderia indicar, neste caso, que as séries eram destinadas ou direcionadas a intercâmbios internos, ou seja, com populações falantes da língua osca comum, enquanto os exemplares com legenda em grego, um direcionamento externo, voltado às cidades litorâneas gregas.

Digna de evidência é principalmente a figurinha que aparece no A/ dessas moedas (Fig. 5, a), isto é, a deliciosa cabeçinha masculina de frente, bastante juvenil, com cabelos curtíssimos, franja também curta dividida em gomos ou, em outros casos, em cachos, que foi ainda considerada uma 'máscara' (*mask*) em HNI (2001, 613). Todavia, creio que o tipo poderia ser um perfeito exemplo de um modelo claramente itálico, indígena, não

ainda tocado por influências externas, pois não encontramos confronto para tal iconografia em nenhum outro tipo monetário grego ou itálico, mas somente em peças escultórias ou modelagens em argila provenientes sempre da Itália Interna, geralmente de santuários. E por isso tenderia a ver na figura a representação de um herói ou divindade localmente cultuada.

Muito interessante é também o óbolo na ficha n. 2, sem legenda ou étnico, que deve ser ainda atribuído seguramente aos *Fistelii*<sup>8</sup> e porque circularam em grande quantidade e sempre juntamente aos outros óbolos de *Fistelia*. Segundo Rutter, que não tem dúvidas sobre a sua proveniência (HNI, 2001, p. 73), esta série de moedas anepígrafes de *Fistelia* apresenta um modelo de estilo e de circulação similar ao das peças inscritas, e um grande número delas era presente no depósito monetário de *Cales* e no vale de *Ansanto* (santuário da deusa itálica *Mefites*). Um problema oferece o tipo de A/, inicialmente considerada uma ‘cabeça feminina’ com longa cabeleira dividida em cachos (Fig. 4, a), ornada com grande colar, por clara semelhança ao tipo cunhado em didracmas com a legenda FISTLVIS (Fig. 6), como também aos tipos representados como a efígie da deusa *Hera* em moedas dos *Hyrietes* e dos *Fenserni* (outras populações itálicas, Fig. 7) e das cidades magno-gregas de *Croton* (Fig. 8), *Pandosia*, *Poseidonia* e *Thurii*. No entanto, como me disse a própria Prof.<sup>a</sup> Renata Cantilena,<sup>9</sup> especialista em moedas campanas, atualmente a maior parte dos estudiosos tende a duvidar da ‘feminilidade’ desta figura, aceitando também a possibilidade de interpretá-la, por outro lado, como a representação estilizada de um *Hercules* com a *leonté*, de três quartos (JAMESON, 1913, 30), e por isso incluo na ficha n. 2 também esta hipótese, entre parêntesis e com um ponto interrogativo. Tal representação de *Hercules* coberto com a cabeça do leão de Neméia também é presente na região e aparece na amoedação de *Teanum Sidicinum* (Fig. 9), não obstante seja de um período um pouco posterior e não se assemelhe à nossa. Penso que, caso se considere a hipótese de um *Hercules*, o seu confronto iconográfico mais imediato deveria ser buscado também na estatuária encontrada nos santuários locais, onde certamente este herói era muito popular. De qualquer maneira, também aqui a cabeça de três quartos (seja feminina, seja hercúlea) é figurada em um estilo que reflete, segundo a Cantilena (1988, p. 138), e com toda a razão, “a mais genuína fisionomia da arte itálica e um gosto bem distante dos modelos clássicos”.

Note-se que também o tipo de R/ desta moeda, geralmente descrito nos manuais de Numismática como ‘leão ou *Khimaira*’ (Fig. 4, b), merece

um comentário a título de esclarecimento: se realmente o animal que aparece no R/ fosse uma Quimera, esta amoedação poderia ser relacionada aos didracmas dos *Fenserni* (como já dito, uma outra população itálica campana), em que já era presente o mito de Belerofonte e da Quimera (Fig. 10),<sup>10</sup> um *unicum* no seu gênero, pois só aparece em representações vasculares.<sup>11</sup> No entanto, apesar de ter a atitude ameaçadora e monstruosa da Quimera, falta à figura de R/ a cabeça caprina no dorso e a cauda terminando em serpente, atributos da *Khimaira* de padrão clássico. Por isso, tenderia a descrevê-la simplesmente como um leão (atualmente aceito em HNI, 2001, 619), e realmente confirmar a sua proveniência das populações dos *Fisteli*, e não dos *Fenserni* como querem alguns, embora não seja totalmente excluída uma inspiração de matriz comum, visto que eram povos itálicos vizinhos.

Essas emissões de frações de prata circulavam principalmente nos centros samníticos, mas de qualquer forma sempre indígenas, e foram utilizadas quando a fusão entre as populações campanas de língua osca e as comunidades gregas foi mais intensa nas cidades da Campânia, justamente no IV século a.C., isto é, sempre em ambiente samnítico e atendendo aos interesses destes últimos. Enfim, observe-se que esses povos e as suas respectivas amoedações não sobreviveram às intervenções de Roma na Campânia e no *Samnium*, dado que a partir deste período não há mais notícias de sua presença, nem evidências de novas cunhagens.

### Bibliografia

BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-Etimológico**. V. I e II. Petrópolis: Vozes 2000.

\_\_\_\_\_. **Mitologia Grega**. V. III. Petrópolis: Vozes 1987.

CANTILENA, R. **Monete della Campania antica**. Napoli: Banco di Napoli, 1988.

CIL X = **Corpus Inscriptionum Latinarum**. V. X: *Inscriptiones Bruttiorum Lucaniae Campaniae Siciliae Sardiniae Latinae*. Berolini: Academiae litterarum regiae Borussicae, 1883.

HNI 2001 = RUTTER, N. K. (Principal Editor)-BURNETT, A. M.-CRAWFORD, M. H.-JOHNSTON, A. E. M.-JESSOP PRICE, M. *Historia*

**Numorum. Italy.** London: The British Museum Press, 2001.

JAMESON, R. **Monnaies Grecques Antiques.** V. I-II. Paris: Feuardent Frères, 1913.

MAGALHÃES, M. M. Moedas de *Neapolis* na Coleção do Museu Histórico Nacional. **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira**, n. 59, 2007, em curso de impressão.

\_\_\_\_\_. Le monete della *Campania* nella collezione del Museo Storico Nazionale di Rio de Janeiro. **Oebalus. Studi Sulla Campania nell'Antichità**, n. 2, 2007, em curso de impressão.

RUTTER, N. K. **Campanian Coinages (475-380 B.C.).** Edinburgh: University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily.** London: Spink, 1997.

SAMBON, A. **Les monnaies antiques de l'Italie.** Paris: Bibliothèque du Musée, 1903.

SNG ANS = **Sylloge Numorum Graecorum.** The Collection of the American Numismatic Society. 7 Vols. New York: The American Numismatic Society, 1969- 1988.

## Didascalia



Fig. 1, a-b - Óbolo de *Allifae*, A/ e R/, ca. 320-300 a.C. Coleção MHN, inv. n. 1924.1160.1. Foto Enéas de Loreto. Escala 2:1.



Fig. 2 – Reverso de didracma de *Cumae*, no qual aparece representada *Scylla* e um marisco (HNI 2001, 534), ca. 420-385 a.C. Escala 2:1.



Fig. 3 – Anverso de decadracma de *Syracusae*, com cabeça da ninfa *Arethusa* circundada por três delfins (RUTTER 1997, Fig. 172), ca. 400 a.C. Escala 2:1.



Fig. 4, a-b – Óbolo de *Phistelia* com legenda *FISTLVIS*, A/ e R/, ca. 320-300 a.C. Coleção MHN, inv. n. 1924.1159.1. Foto Laetitia Le Corre. Escala 2:1.



Fig. 5, a-b – Óbolo de *Phistelia* anepigrafe, A/ e R/, ca. 320-300 a.C. Coleção MHN, inv. n. 1924.1159.9. Foto Enéas di Loreto. Escala 2:1.



Fig. 6 – Anverso de didracma de *Phistelia*, no qual é representada uma cabeça feminina de três quartos, tipo que recorda os óbolos da Fig. 4 (HNI 2001, 611), ca. 405-400 a.C. Escala 2:1.



Fig. 7 – Anverso de didracma dos *Fenserni*, no qual aparece a cabeça feminina de três quartos, identificada com a *Hera Lacinia* magno-grega (HNI 2001, 538), ca. 395-390 a.C. Escala 2:1.



Fig. 8 – Anverso de *stater* de *Croton*, no qual é representada de três quartos a efigie da sua deusa patrona, *Hera Lacinia* (HNI 2001, 2169), ca. 425-350 a.C. Escala 2:1.



Fig. 9 – Anverso de didracma de *Teanum Sidicinum*, no qual se vê *Hercules* jovem com *leonté*, mas o tipo não se assemelha ao nosso (HNI 2001, 451), ca. 265-240 a.C. Escala 2:1.



Fig. 10 – Reverso de didracma dos *Fenserni*, no qual é figurada a cena de Belerofonte montado sobre *Pegasus*, em luta contra a Quimera (HNI 2001, 538), ca. 395-390 a. C. Escala 2:1.

## Notas

<sup>1</sup> Meus agradecimentos à direção do MHN pela oportunidade de estudar e publicar estas moedas da sua prestigiosa coleção: à Prof.<sup>a</sup> Vera Lúcia Bottrel Tostes, diretora; à Dr.<sup>a</sup> Ângela Cardoso Guedes, assessora de Comunicação; à Sr.<sup>a</sup> Ruth Beatriz Caldeira, coordenadora técnica; à Sr.<sup>a</sup> Eliane Rose Vaz Cabral Nery, chefe do Dept.<sup>o</sup>

de Numismática; e à Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, minha supervisora. As fotos das moedas do MHN foram tiradas por Enéas di Loreto (Casa da Moeda do Brasil) e Laetitia Le Corre (Estagiária do MHN).

<sup>2</sup> Entenda-se que no passado eram inventariadas como pertencentes às “séries gregas” todas as moedas da coleção que não fizessem parte do período romano, e o mesmo acontece até hoje com algumas obras que publicam sempre inteiras coleções como sendo moedas “gregas”. No entanto, gostaria de esclarecer que, dentro dos critérios da moderna classificação e terminologia, dentre estes exemplares “gregos”, podemos encontrar moedas “itálicas” (cunhadas por povos genuinamente itálicos, não gregos), “italiotas” (emitidas por colônias gregas estabelecidas no sul da Itália) e “siciliotas” (batidas por colônias gregas da Sicília).

<sup>3</sup> A coleção do MHN não apresenta exemplares cumanos. Em compensação, possui uma esplêndida coleção de moedas de *Neapolis*, já publicadas por mim em outras sedes: v. MAGALHÃES, 2007 - A, em curso de estampa; v. ainda EAD. 2007 - B, também em fase de impressão.

<sup>4</sup> MAGALHAES, 2007 - A, cit.; EAD. 2007 - B, cit.

<sup>5</sup> Sobre *Scylla* que, juntamente com *Caribdes*, ladeava o estreito de Messina (entre Itália e Sicília), v. BRANDÃO, 2000, s.v. *Cila*; para o episódio de *Odysseus* (*Ulysses*) no seu retorno da Guerra de Tróia, v. ainda BRANDÃO, 1987, p. 311.

<sup>6</sup> A diferença na redação do nome é puramente formal. Acontece que a primeira letra osca que aparece na legenda corresponde, por um lado, ao PHI grego, por outro, ao F latino. Os redatores de HNI (p. 72) optaram pela ortografia grega (*Phistelia*), enquanto outros estudiosos (e.g. CANTILENA, 1988, p. 137), pela ortografia latina (*Fistelia*).

<sup>7</sup> RUTTER, 1979, p. 84: *I see no reason to challenge their traditional ascription to Fistelia*. Também CANTILENA, 1988, p. 141.

<sup>8</sup> Titular de Numismática junto ao Departamento de Bens Culturais da *Università degli Studi di Salerno*, à qual agradeço pelos preciosos conselhos.

<sup>9</sup> Para o mito do herói Belerofonte em luta contra a Quimera, v. BRANDÃO, 1987, p. 207-219; v. ainda BRANDÃO, 2000, s.v. *Belerofonte* e vol. II, s.v. *Quimera*.

<sup>10</sup> Não causa nenhum espanto o aparecimento de um mito de Corinto, pátria do herói Belerofonte, na Campânia, pois o seu cavalo *Pegasus* aparece também representado na amoedação de outras cidades itálicas e italiotas, que provavelmente mantinham relações com Corinto (v. de maneira geral HNI, 2001, p. 204 e 207, s.v. *Pegasus*).